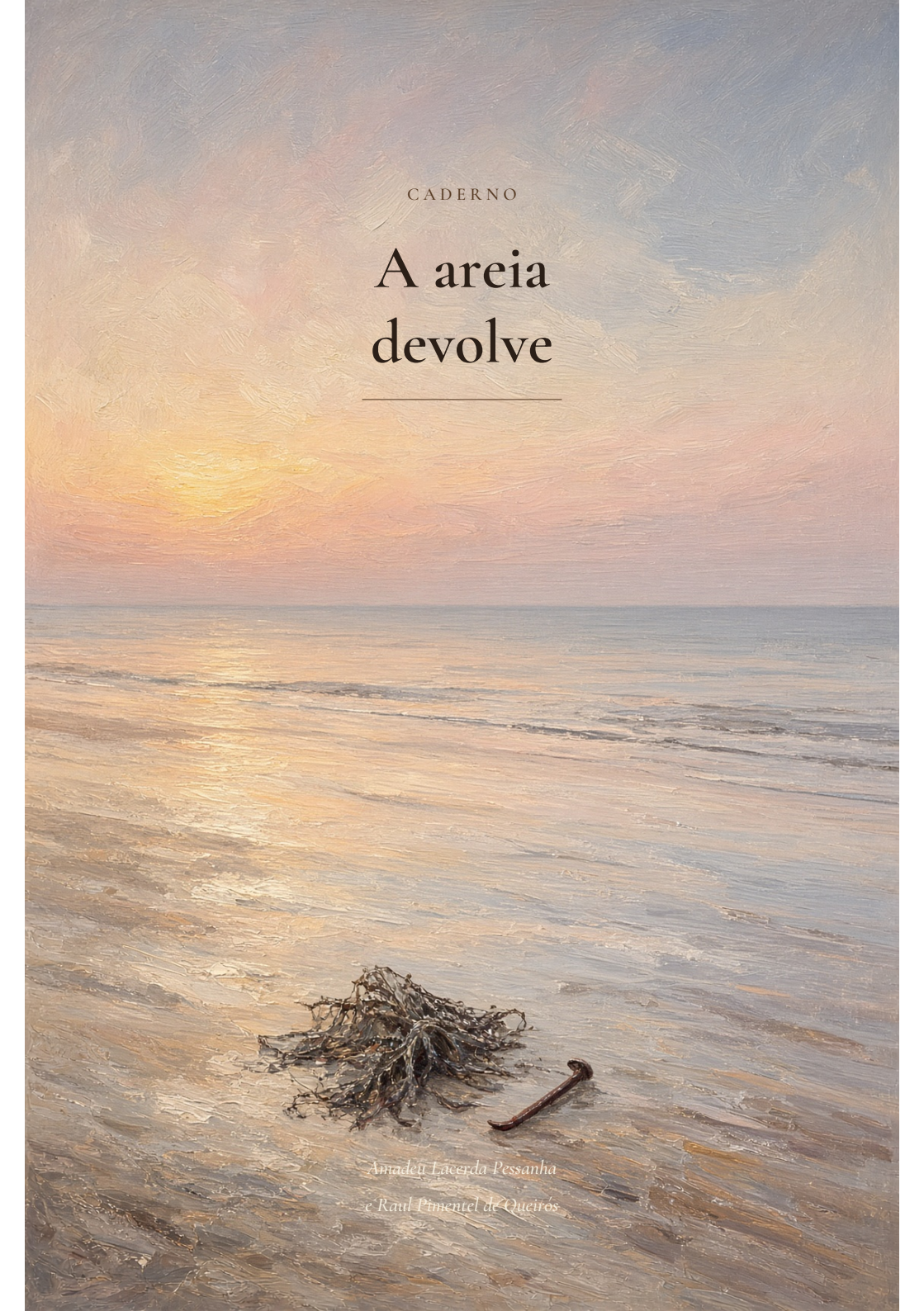
CADERNO

A areia devolve



Amadeu Lacerda Pessanha

e Raul Pimentel de Queirós

A areia devolve

anotações de Amadeu Lacerda Pessanha
continuadas por Raul Pimentel de Queirós

CADERNO

A areia devolve

Amadeu Lacerda Pessanha

e Raul Pimentel de Queirós

Santos
2026

Prefácio

Raul Pimentel de Queirós

Li A linha do horizonte, Atlântico moral, O ouvido das marés e Consciências marítimas porque um citava o outro, e a citação não me deixava na página em que eu estava. O homem tinha morrido em Paraty, a 4 de agosto de 2016. Eu não o conheci. Fui atrás da família. Não para herdar um nome. Para saber se havia papel além dos quatro livros.

Havia. Um caderno, sem data de fechamento, a que ele chamava A areia devolve. A família não me pediu que eu fosse o autor. Deu-me as folhas e pediu que, onde a letra ainda fosse dele, eu não a corrigisse. Aceitei. Este volume começa nessas anotações. No ponto em que a frase não acaba, continua a minha. Não vou imitar a mão que faltou.

Não há tiragem. O livro sai agora, em outubro de 2026, de uma mesa em Santos, com a janela aberta. Não é a continuação de Há alguém do outro lado. Quem quiser o debate daquele setembro, que vá ao outro volume. Aqui o assunto é o que a areia devolve, e o que eu não tenho o direito de devolver no lugar dele.

Do caderno

Amadeu Lacerda Pessanha

I

O que a manhã encontra

Escrevo em Paraty, anos depois do livro que fechei numa casa alugada junto ao cais. A casa não é um santuário e eu não vou descrevê-la para parecer que a vista me autoriza. A vista, de manhã, é a areia. Já escrevi, noutro volume, que cresci vendo mulheres irem cedo ver o que a noite tinha feito da praia: a canoa, a rede, o menino que teimava em dormir na proa. A frase ficou melhor do que a inspeção. Volto porque a frase me incomoda. Inspeção não recorda para emocionar. Recorda para decidir o dia. Eu, nesta idade, já não decido a canoa de ninguém. Decido se a página mente.

Nesta manhã não havia canoa virada nem menino. Havia um pedaço de rede, ainda com o nó, e um prego torto, e a marca de um arrasto que a água seguinte vai apagar. Nada disso pede capítulo. O capítulo é o meu vício. Eu os tenho quatro, publicados, e cada um parou onde eu quis que parasse. Este caderno não sabe parar, e a ignorância não é virtude. É o estado de quem ainda não viu o fim da frase. Se eu chamar a isso abertura, já estou enfeitando a falta.

Não vou repetir a linha do horizonte, nem o porão, nem o farol. Quem quiser esses assuntos, que vá aos livros. Aqui o que resta, quando a água desce, não é uma linha e não é uma luz. É peso. O que pesa fica um tempo. O que não pesa volta com a espuma. A distinção é física e eu a complico se digo que o mar escolhe. O mar não escolhe. A areia segura o que a última puxada não levou. Segurar não é devolver. Devolver é o verbo da gente, e eu pus esse verbo no título antes de desconfiar dele. A desconfiança chegou. O título ficou. Ficar, neste caso, é o método.

O prego torto não é uma parábola do trabalho. É um prego. A rede não é o ofício dos que ficam, tema que eu já gastei. É um nó molhado, com cheiro, que

alguém vai recolher ou não. Eu não recolhi. Olhei e escrevi. Olhar e escrever é o meu turno, e o turno tem a desculpa da idade: as pernas discutem com a descida até a areia, e a discussão é um dado. Não vou fazer do dado um herói cansado. O herói cansado é outeiro com cansaço. Desci o bastante para ver o nó. Não desci o bastante para dizer que conheço a manhã de quem vive dela.

Há uma tentação de nomear o que não tem nome. Um chinelo sem par, mais adiante, quase me serviu. Chinelo pede criança, e criança pede perda, e perda pede o leitor. Recusei o chinelo. Pode ter sido de um banho. Pode ter sido de ontem. Pode não caber em ninguém que eu deva inventar. Inventar a pessoa para dar destino ao objeto é o romance que este caderno não é. O objeto sem destino incomoda a página. Deixo o incômodo. Se eu o resolver, terei escrito para ficar tranquilo, e a tranquilidade não é o que a areia faz de manhã.

Fiquei até a sombra crescer um palmo. Não aconteceu nada que mereça narrativa. Um homem passou, olhou a rede, não a levou. Um cachorro fez o que os cachorros fazem na beira e não consultou o horizonte. Eu anotei os dois para não anotar só o que combina comigo. O homem e o cachorro não são símbolos do que fica e do que passa. São o tráfego da manhã. Se o caderno não couber o tráfego, vira oração. Não quero oração. Quero a lista suja, com o nó e com o que não serviu ao nó.

A subida me devolveu à frase, que é o lugar onde eu falseio com mais facilidade. Na areia o prego era torto e mudo. Na mesa ele já queria ser o prego de um parágrafo sobre o uso que acaba. Deixei a vontade escrita, e não escrevi o parágrafo. Este é o controle que eu peço a um caderno tardio: registrar a tentação e não promovê-la. Promover é publicar o outeiro com a desculpa de que o confessei. Confissão, quando vem depressa, também é outeiro. A areia, lá embaixo, não confessou nada.

Houve um barulho de motor, longe, e eu quase escrevi que o ouvido assumia o cargo da vista, frase que já foi minha em 1974 e de novo em 1998. Não a repito. Repetida aqui, ela faria deste caderno um resumo dos outros, e um resumo é o que se oferece a quem não vai ler. Eu quero que leiam aqueles, se forem ler algum. Este só tem a manhã. O motor era de um barco que eu não via.

Não vou dizer de que bordo vinha. Não vou dizer que trabalhava. Dizer que trabalhava, sem ver, é romance de ouvido. O ouvido erra, eu já o escrevi, e erra com vento. Anoto o som e deixo o barco sem dono.

Quando subi, a rede ainda estava. O prego também, suponho. Não voltei para conferir. A vontade de conferir era a vontade de fechar o inventário, como quem conta o caixa. Meu pai contava. Eu, se desço de novo só para saber se o prego continua, transformo o resto em estoque. Estoque pede responsável. Não sou o responsável pela praia. Sou o responsável por não escrever que sou. A diferença é pequena e é toda a ética que este caderno aguenta sem inchar.

À tarde, da janela, a praia já era outra. Não desci para atualizar a lista. Atualizar teria sido honesto e também teria sido uma profissão que eu não tenho. O homem que inspeciona de manhã volta porque a canoa é dele. A minha canoa é a frase, e a frase, se eu a visito demais, fica lustrosa. Deixo a manhã onde a escrevi. Se a rede foi levada enquanto eu almoçava, o caderno não mente: mente o leitor que exigir que o inventário dure mais do que a maré. Dura o tempo da tinta. A tinta não é a praia. Esta distinção me cansa, de tão óbvia, e eu a escrevo porque já a violei em livros que preferiam a tinta.

Violação, aqui, seria contar que a rede voltou no dia seguinte como um sinal. Não houve dia seguinte neste caderno. Há esta manhã. O dia seguinte é uma tentação de folhetim. Folhetim combina mal com prego torto. O prego não tem episódio. Tem forma. A forma eu vi. O resto eu não vi, e o não vi fica sem complemento heroico. Sem o complemento, a página parece pobre. Pobre outra vez. Eu já desconfiei dessa aparência. Desconfio de novo, e mesmo assim não acrescento um peixe, um nome, uma voz. A voz que falta não é mistério. É gente que não falou comigo, porque eu não perguntei, porque perguntar teria sido usar a manhã deles como material. O material basta no que está.

No que está, repito, porque a repetição me segura. Uma vez eu teria escrito que a praia é um arquivo. Não é. Arquivo guarda de propósito. A praia guarda por peso, por umas horas, e esquece sem método. O meu ofício é o contrário: eu guardo de propósito e chamo o propósito de atenção. Atenção não torna a areia um arquivo. Torna este caderno um arquivo da minha atenção, o que é mais

pobre e mais verdadeiro. Pobre pela terceira vez nesta manhã. Eu devia riscar a palavra. Não risco. Deixo as três pobrezas visíveis, para que nenhuma delas vire estilo de homem simples. Eu não sou simples. Sou um homem que desceu, viu dois objetos, e precisou de várias páginas para não mentir os dois.

Se amanhã a perna não quiser a descida, o caderno não ganha com isso um capítulo sobre o fim das descidas. O fim das descidas será um fato do corpo, se for. Não será uma imagem. Eu já tive imagens demais para uma vida de aula. A aula acabou ou não acabou. Não escrevo o ponto. Escrevo a manhã em que ainda desci. Quem ler só esta folha e achar que sabe a velhice inteira terá feito comigo o que eu recusei fazer com o chinelo: inventar a pessoa para dar destino ao objeto. O objeto, aqui, sou eu, se eu não cuidar. Cuido. Não me destino. Descrevo o nó.

II
O verbo que eu escolhi

Devolver supõe que alguma coisa era nossa e volta. A areia não assina essa suposição. O que aparece na maré baixa pode nunca ter sido de quem agora olha. Pode ter sido de outro ponto da costa, de um barco que não conheço, de uma hora que eu dormi. Chamar a isso devolução é conforto. O conforto diz: o mar guarda e restitui. Eu já desconfiei do conforto no livro do Atlântico, quando a vista lavava o cais. Aqui a lavagem é literal. A água sobe, a água desce, e o que fica não é uma restituição moral. É um resto. Resto não consola. Por isso o título mente um pouco, e a mentira pequena, declarada, é melhor do que um título honesto que eu ainda não mereço.

Merecer, também, é uma palavra de herdeiro. Eu não estou herdando a praia. Estou nela, tarde, com um caderno que não fechei. Se este texto acabar sem fecho, que ninguém louve a incompletude. Incompletude não é estilo. É o ponto em que a mão parou. Eu posso parar por cansaço, por dúvida, ou porque a frase seguinte seria bonita. As três causas não se distinguem no papel. Distingo-as aqui, enquanto ainda escrevo, para que o branco não se promova a silên-

cio sábio. Já disse, a propósito de luzes, que nem todo silêncio é código. Um caderno aberto no meio da frase pode ser só um homem que foi almoçar. Ou que não voltou à mesa. Não sei, no momento em que escrevo, qual dos dois serei amanhã.

Minha mãe dizia o largo. Já usei a palavra e não vou cobrá-la de novo. Meu pai contava anzóis. Também isso já está noutro livro. O faroleiro sem nome cumpriu o período. Não o trago para esta praia para dar autoridade à rede. Autoridade emprestada é outeiro. O que eu tenho, nesta manhã, cabe numa linha de inventário: rede, prego, areia molhada, a sombra ainda curta. O inventário não vibra. Eu vibro se alongo a sombra até ela significar a minha. A sombra significa que o sol mudou de lugar. Isso basta, e o basta me parece pobre, e a pobreza me parece, por um instante, uma virtude. Desconfio do instante. Virtude que chega depressa é frase protegida.

Alguém, daqui a anos, pode ler este caderno e querer terminar a frase que eu deixe pela metade. Não escrevo para essa pessoa. Escrevo para não mentir o resto. Se a pessoa existir, que não imite a minha mão. A imitação seria uma devolução falsa: a areia dando não o prego, mas um prego parecido, mais direito, mais útil ao capítulo. Eu prefiro o torto. O torto não serve para pendurar uma moral. Serve para lembrar que o uso acabou e o objeto ficou. Ficar não é mensagem. É teimosia da matéria, por algumas horas, até a água ou a gente levar de novo.

Levar de novo é o segundo tempo, e eu ainda não o vi hoje. A maré que trouxe não é a maré que vai levar. Entre as duas há este caderno, que se mete no intervalo e quer ser o intervalo. Não é. O intervalo é da água. Eu sou o homem que desceu, olhou, e já pensa na subida. A subida, nesta idade, organiza o pensamento de um modo que eu vigio. Dá vontade de concluir antes de chegar à porta, para não ter de concluir em casa, com pressa do almoço. Conclusão com pressa do almoço é uma fogueira pequena. Não acendo. Fico no inventário.

Paraty me tenta de outro modo. Fechei aqui um livro, em 2003, e a cidade pode parecer o destino de quem volta para morrer em coerência. Não escrevo essa frase para cumpri-la. Escrevo-a para riscá-la. Não sei o dia da minha morte e

não vou datá-lo com a paisagem. A paisagem não é um calendário. É um cais, uma casa que já não é a mesma, uma areia que esta manhã tinha rede e prego. Se eu morrer nesta cidade, o fato não confirmará o livro de 2003. Confirmará apenas o óbito. O óbito não é um argumento. Eu já vi gente usar o fim de um homem para fechar a ideia que ele tinha deixado aberta. Não ofereço o meu fim para esse uso.

O caderno, se ficar nestas folhas, que fique com a data que não tem. Eu não numerei as manhãs. Numerar daria a um leitor futuro a ilusão de uma sequência que eu não vivi como sequência. Houve manhãs em que não desci. Houve manhãs em que desci e não escrevi. O que está aqui é o que a mão alcançou, não o diário completo de uma velhice exemplar. Velhice exemplar é outra fogueira. Eu estou velho. Isso não me torna exemplo. Torna o degrau mais alto e a frase, se eu não vigiar, mais sentenciosa. A sentença é o meu perigo antigo. A areia não é sentenciosa. Ela molha e seca.

Seca, e no meio da secagem o nó fica rígido. Eu poderia fazer disso uma imagem do texto que endurece quando a água sai. Não faço. A imagem é boa, e o bom, no meu ofício, é o que está pronto para ser citado sem a praia. Se eu citar o nó rígido numa sala, em Recife ou aqui, ele vira exemplo. Exemplo é o uso diurno das coisas que de manhã não pediam plateia. Já disse isso do farol e não vou mudar o farol de endereço para parecer que descobri a ideia na areia. A ideia é velha. A areia é de hoje. Não as troco.

Hoje, então, fica sem descoberta. É um alívio que eu vigio, porque o alívio também posa. O caderno sem descoberta pode ser preguiça com bom nome. Não foi preguiça. Foi uma manhã em que o que apareceu não justificava uma tese, e eu não fabriquei a tese para justificar a descida. A descida doeu um pouco no joelho. A dor não entra como prova de seriedade. Entra como o motivo pelo qual eu não fiquei até o sol alto. Ficar até o sol alto me daria mais objetos e mais vontade de organizá-los. Organizei pouco. Rede. Prego. Nenhum nome. O resto da praia existiu sem a minha lista.

III

A frase que não acaba

Se houver outra manhã, desço de novo. Não prometo. Prometer a praia é pose de quem já não desce. O que posso prometer é mais modesto e ainda assim suspeito: não chamar de devolução o que for apenas resto. Repetir a frase até ela perder o brilho. O brilho, neste título, já é demais. A areia devolve. Devolve o quê. A pergunta é o único movimento honesto que o verbo me deixa. Sem o quê, o título é um cartaz. Com um quê escolhido depressa, o título é uma lição. Eu não quero o cartaz nem a lição. Quero o quê ainda não decidido, pousado na areia, sem nome.

Tentei, ontem, acabar mesmo assim. Escrevi que a areia devolve o mínimo. Risquei. O mínimo é uma filosofia de quem já escolheu o tamanho. Escrevi que devolve o morto em forma de objeto. Risquei com mais raiva. O morto em forma de objeto é literatura de quem não desceu. Escrevi que devolve o tempo. Essa eu quase deixei, porque parece modesta e é a mais vaidosa. O tempo não está no prego. O prego está no prego. A quase-frase ficou no verso da folha, ilegível de propósito, para eu não a copiar limpa quando a vaidade voltar à noite.

Não há proposta. Proposta me poria no comando de uma praia que se arranja sem mim. Há o hábito pequeno, o mesmo de outros livros, e eu o repito sem achar que a repetição me salva: quando a frase fechar cedo, esperar. Esperei hoje. A frase não fechou. Se isto for a última página que eu escrevo neste caderno, não é porque eu a tenha escolhido como última. É porque a mão chegou até aqui e a próxima palavra não veio. Não vou inventá-la para a página ficar lisa. A palavra que falta não é um defeito de arquivo. Espero. E, quando a espera não traz a palavra, copio o que a manhã teve, sem fechar.

A cópia, se alguém a ler, que não procure entre as linhas o dia em que eu parei de descer. Esse dia não está escrito porque ainda não chegou, ou porque chegou e eu não tive a frase, o que dá no mesmo para o papel. O papel não é um diário de bordo. Não há hora de saída nem hora de entrada. Há estas folhas e a mania de corrigir a frase de cima sem apagá-la de todo. Em algumas, o risco

deixa ver o que eu rejeitei. Não transcrevo os riscos. Quem tiver o caderno na mão verá a tinta. Quem tiver só a leitura, que aceite o sumário do risco: rejeitei o morto, o tempo e o mínimo.

Resta o título, que eu não risco. A areia devolve. Eu já disse que o verbo mente um pouco. Minto com ele no alto da página e passo o caderno a desmenti-lo. Se eu mudar o título agora, a desmentida perde o objeto. Preciso do erro nomeado. O erro é achar que o mar restitui. O que eu vi restitui nada. Deixa. Deixar não é o mesmo verbo. Eu devia ter chamado o caderno A areia deixa. Não chamei. A teimosia do primeiro título é parecida com a teimosia do prego: não serve mais para o uso, e continua aí.

E continua, digo pela última vez antes de copiar a manhã sem ornamento, que eu não estou doente de despedida. Despedida é um gênero. O gênero quer a janela, a mala, a frase que sabe que é a última. Eu não sei se esta é a última. Sei que o joelho reclamou e que o prego não melhorou por isso. Se alguém guardar estas folhas, que não as leia como um adeus arrumado. Adeus arrumado é o que se escreve quando já se decidiu o efeito. Eu não decidi o efeito. Decidi não chamar de devolução o resto, e nem isso eu consegui cumprir no título. O fracasso do título fica. É mais útil do que um adeus.

Continua aí, e eu também, por enquanto. Não faço testamento. Testamento seria organizar os quatro livros como se este caderno fosse a chave. Não é a chave. É um resto, no sentido em que a rede é um resto. Os livros se viram sem ele. Se este caderno se perder, perde-se uma manhã, não uma doutrina. Eu gostaria de achar essa frase humilde demais para ser verdade, e por isso a mantenho. A doutrina é que me tenta, sempre, a subir. A manhã me pede para ficar no rés. Rés do chão, rés da letra. Se a próxima palavra não vier, o rés fica à mostra. Melhor à mostra do que coberto por uma conclusão que eu roubaria de mim mesmo, de tão pronta.

Nesta manhã a areia devolveu um pedaço de rede, ainda com o nó, e um prego torto, e nada que tivesse nome. Se eu escrever que isso basta, fecho cedo. Não basta. Também não é um aviso. É o que ficou quando a água desceu, e o que ficou pede uma frase que eu ainda não

O caderno acaba aqui.

Continuação

Raul Pimentel de Queirós

I

Onde a letra para

A frase acaba em eu ainda não. Não há ponto. Não vou pôr o ponto, nem o substantivo que a mão ia escolher. Esse substantivo seria meu e vestiria a letra dele. A família pediu que eu não corrigisse onde a letra ainda fosse dele. O branco final não é correção. É o lugar em que ele parou. Publico o branco.

O que eu posso dizer, porque vi costa e não vi a manhã dele, é pouco. A areia devolve peso, não biografia. Um nó é um nó. Um prego torto é um prego torto. Nada que tivesse nome continua sem nome. Não acrescento o chinelo que ele recusou. Não acrescento a criança. Não acrescento o afogado que o título, lido às pressas, pede. O título pede devolução. O caderno desconfia do pedido. Eu fico com a desconfiança, que é a última coisa inteira que a letra conseguiu.

Passei a vida a não completar o animal com a minha pressa. Completar a frase de um morto é a mesma pressa, com melhor reputação. A reputação seria esta: o leitor mais novo, piedoso, devolve o livro ao velho. Não devolvo. Devolver, ele já tinha escrito, é o verbo da gente. O mar não assina. Eu também não assino por ele. Assino o que começa agora, em outra voz, para que ninguém confunda as duas mãos.

Li os quatro livros antes de pedir o caderno. Em cada um ele cita o anterior e corrige o conforto que o anterior tinha deixado passar. O caderno fazia o mesmo com o próprio título. Não é um quinto sistema. É um inventário que se recusa a virar sistema, e que para no meio da recusa. Quem fizer desta interrupção uma estética do fragmento já não leu o que ele escreveu sobre o silêncio. Nem todo branco é sábio. Ele disse isso. Eu não transformo o aviso numa desculpa para romantizar a página cortada. A página cortou. Pode ter sido o almoço. Pode ter sido o dia em que não voltou à mesa. O caderno não escolhe.

Eu também não escolho por ele.

A família me deu as folhas. Não pediu sucessor. Pediu cuidado com a letra. O cuidado, aqui, é tipográfico e moral ao mesmo tempo, e eu desconfio quando as duas coisas coincidem demais. Tipográfico: a frase fica aberta. Moral: eu não escrevo a manhã seguinte como se a tivesse descido com ele. Não desci. Em 2015 eu lia noutro ponto desta costa, no canal, e não fui a Paraty procurá-lo. Fui à família depois. A ordem importa. Não houve encontro. Houve leitura, curiosidade e um caderno.

Há alguém do outro lado ficou no seu mês. Não trago para esta areia o polvo, nem o modelo, nem a pergunta de como é ser. Seria fácil. O prego não fala. A rede não fala. O silêncio deles não é o silêncio de uma mente. É o silêncio de coisa. Confundir as duas faltas de voz é o erro que o meu outro livro passa o tempo a desmontar. Não o cometo aqui para dar ao caderno uma atualidade que ele não pediu. O caderno é de antes. O meu limite é não puxá-lo para setembro de 2026.

O que faço, então, se não termino a frase. Fico com os objetos e com o verbo suspeito. Rede. Prego. Nenhum nome. A maré seguinte leva, ou alguém leva. Nenhum dos dois fins é lição. Ele queria que o bastante lhe parecesse pobre, e desconfiou da pobreza quando ela quis ser virtude. Eu reconheço o gesto. É o mesmo que me impede, noutros assuntos, de fechar a pergunta no dia em que ela fica confortável. Não vou elogiá-lo por isso. Elogio seria devolver um Amadeu mais direito do que o prego.

Se o leitor quiser que a areia devolva o homem, está pedindo à praia uma ressurreição. A praia não faz isso. Eu não faço isso em prosa. O que volta, quando volta, é resto. O que eu publico é o resto e a mão que não imita a outra. A frase que ele não acabou continua sem acabar. Debaixo dela, a minha só diz isto: não sei como terminaria. Sei que ele parou. A parada é o texto. O que segue é a minha leitura, não a manhã dele.

Copiei a interrupção como estava. Não pus reticências para parecer que o silêncio era estilo. Não pus colchete. O leitor vê a frase acabar na palavra não, e vê, em seguida, a minha. Se alguém quiser fundir as duas num só fôlego, terá de

desobedecer à página. A página é o único contrato que a família me deu, e eu o cumpro melhor do que cumpriria uma amizade que não houve.

Não vou datar as manhãs que ele não datou. O caderno não diz 2014 nem 2015 nem o ano da morte. Diz Paraty, anos depois de 2003, e uma manhã com rede e prego. Inventar o dia seria devolver um calendário no lugar de um resto. O calendário eu tenho só para o óbito, e o óbito está fora do caderno, na certidão, não na areia. Ele pediu, sem me conhecer, que ninguém usasse o fim de um homem para fechar a ideia. Eu li isso depois. Obedeço.

O que a família me entregou não era um arquivo ordenado. Eram folhas de um caderno, algumas riscadas, a última sem ponto. Não havia carta para um continuador. Não havia dedicatória. Havia o título, escrito uma vez, e a desconfiança do título, escrita várias. Isso basta para eu saber o que não fazer. Não faço uma edição crítica. Não adivinho a palavra. Não transformo o prego torto num emblema. O prego fica torto.

Se este livro parece curto no caderno e longo na continuação, a desproporção é honesta. Eu tinha mais página do que ele teve manhã escrita. Usar a minha página para alongar a manhã dele seria a devolução falsa que ele descreveu: um prego parecido, mais direito, mais útil ao capítulo. O capítulo útil seria um quinto ensaio, com fecho. Ele não escreveu o fecho. Eu não o escrevo por ele. Escrevo ao lado, e o ao lado tem de ficar visível, senão a pietà fica simétrica e a simetria mente.

Fico, por último, com o hábito que ele repetiu e que eu já tinha sem o ter lido nele: esperar antes de acreditar na frase. Esperei. A frase dele não fechou. A minha fecha só o bastante para dizer que não fecha a dele. Amanhã a areia em Paraty vai ter outra coisa, ou a mesma rede, ou nada. Eu não estarei lá para inventariar. Quem estiver não precisa deste livro para ver o nó. Precisa, se ler, saber que um homem parou antes do nome e que outro recusou pôr o nome no lugar.

Há uma última tentação, e eu a escrevo para não praticá-la. Seria dizer que, ao recusar o nome, eu o devolvo. Devolvo a quem. A ele, que não lê. À família, que pediu cuidado e não uma teoria da devolução. Ao leitor, que não me encarregou

de nada. O verbo, usado por mim no fim, faria deste livro a prova do título que o caderno desconfiava. Eu teria ganho a discussão contra um morto, o que é fácil e é baixo. Não ganho. Não devolvo. Continuo.

Continuar, aqui, não é seguir a manhã. É dizer de que lado estou da frase cortada. Do lado de cá há Santos, outubro, a janela, e os quatro livros que eu li antes de pedir as folhas. Do lado de lá há Paraty, uma descida, um joelho, uma rede, um prego, e a palavra que não veio. Entre os dois lados não há ponte de estilo. Se a minha prosa começar a soar como a dele, paro e recomeço mais seco. A secura não é superior. É o sinal de que a mão mudou. Quem não notar a mudança não leu. Quem notar e quiser apagá-la, para o volume ficar de um autor só, está pedindo a restituição que a areia não faz.

Publico assim. O caderno incompleto. A continuação que não o completa. A família fica neste livro como quem me deu as folhas. Não fiz dela um segundo enredo. O óbito está na data em que está, fora da areia. E a frase, a dele, acaba em não, sem o meu ponto.

Uma palavra sobre o que não está nas folhas, para ninguém ir buscá-lo depois como se eu o tivesse escondido. Não há mapa. Não há lista de nomes da família. Não há instrução de publicação. Não há data na última página. Eu não preencho esses claros. Preencher seria a mesma mão que eu recusei na frase: pôr o que falta para o volume parecer acabado. O volume não está acabado. Está publicado. São coisas diferentes, e a diferença é o que este livro tem para dizer além do prego.

Publicado, sai sem cifra, como o anterior. Não porque os dois sejam um só. Porque eu não tenho, nem num nem noutro, um número de exemplares que não minta. Quem ler isto em voz alta que não una os parágrafos dele aos meus para a leitura ficar lisa. A emenda é para ser ouvida. Se não for ouvida, eu falhei, e a falha não se conserta com uma frase mais parecida com a dele. Conserta-se, se conserta, deixando a diferença onde está.

Deixo também o que a leitura dos quatro livros me fez, sem transformar isso num retrato. Ele corrige a frase de que gosta. Eu desconfio da pergunta no dia em que ela fica confortável. Não é a mesma manobra, e eu não vou dizer que é,

para ficarmos parentes. Parentesco de método seria outra ponte. Não há ponte. Há um homem que eu li, uma família que me atendeu, e um caderno que para. O resto é a minha letra, responsável só por si. Se eu errar o prego, o erro é meu. Se eu acertar o silêncio, o acerto também. Não herdo o acerto dele junto com as folhas.

A janela, enquanto eu copiava, dava para um calor de outubro, em Santos, sem relação necessária com a manhã de Paraty. Não vou fundir as duas luzes. A dele era cedo, com a sombra ainda curta, segundo a letra. A minha é a de quem escreve depois, com o óbito já sabido e a tentação de usar o óbito como ponto final. O ponto final está disponível. Eu não o uso na frase dele. Uso, nesta, o ponto que me cabe: acabei o que era meu. Não acabei o que era dele.

Acabar o que é meu exige ainda uma frase sobre a curiosidade, porque foi ela que me levou à família, e a curiosidade também mente. Eu podia ter lido os quatro livros e ficado. Ficar teria sido mais fiel ao homem que descia e não pedia sucessor. Fui pedir as folhas. Há nisso uma intrusão. Declaro a intrusão para ela não se vestir de homenagem. Homenagem seria devolver o nome dele no alto e a minha mão embaixo, invisível. A mão está visível. A intrusão também. Sem as duas declaradas, este livro seria um caderno achado, e caderno achado é uma lenda. Não foi achado. Foi pedido. A família atendeu. Eu escrevi ao lado. Nada disso é uma praia de manhã.

A praia de manhã fica com ele, incompleta, como a letra. Eu fico com a responsabilidade de não melhorá-la. É uma responsabilidade pequena, quase de copista, e eu a prefiro à responsabilidade grande de quem termina a obra dos outros e fica mais alto do que o morto. Altura, no fim de um livro, é o vício que ele passou a vida a descer. Não vou subir na última página. A última página é esta, e ela não tem rede, nem prego, nem Paraty. Tem um homem em Santos que leu, pediu, e parou antes de pôr a palavra que faltava.

A palavra que faltava não será posta numa reedição, se houver. Eu não guardo um final na gaveta. Não o imagino e o escondo. A ausência é a ausência. Quem vier depois de mim e quiser fechar o caderno terá de desobedecer às duas mãos, a dele e a minha. Não recomendo. Também não proíbo. Só deixo escrito

que o fecho não estava nas folhas e não está nesta continuação. Procurá-lo é outra obra. Não é esta.

Digo o que fiz com as folhas, para a conta ficar fechada sem fechar a frase. Li. Copiei o que estava sem risco por cima, e deixei de fora as linhas que ele mesmo tinha riscado, salvo o sumário que ele fez das rejeições: o morto, o tempo, o mínimo. Não emendei ortografia para a letra parecer a minha. Onde a frase quebra, quebra. Onde eu começo, digo que começo. A família pode reconhecer o caderno. Se não reconhecer, o erro é da minha cópia, e eu o corrijo. Não corrijo o ponto que não existe.

Há leitores que vão achar pouco. Pouco é o tamanho que ele aceitou na manhã e que eu aceito agora. Rede, prego, nenhum nome, uma descida, uma subida, um título que mente um pouco, uma continuação que recusa consertar a mentira com um final bonito. Se isso não enche a expectativa de uma obra póstuma, tanto melhor. Obra póstuma, como gênero, já chega com violinos. Eu não trouxe violinos. Trouxe as folhas e a frase cortada. O resto seria eu, de pé, no lugar dele, olhando uma praia que não é a minha.

Fica então o volume como está. Prefácio meu, porque o acesso foi meu. Caderno dele, até o não. Continuação minha, depois do não. Quem pular o meio vai perder justamente o corte, e o corte é o assunto. Não há outro. Não o haverá numa nota de rodapé. A nota, se vier, é de acervo, e não escreve a palavra que ele não escreveu.

Repito o corte em voz baixa, para quem chegou até aqui com pressa de um fim. A areia devolveu um pedaço de rede, ainda com o nó, e um prego torto, e nada que tivesse nome. Ele disse que isso não basta, que não é um aviso, que é o que ficou quando a água desceu, e que o que ficou pede uma frase que ele ainda não. Eu não escrevo a frase. Não escrevo o nome. Não escrevo o dia seguinte. Não escrevo o adeus. Escrevo que li, que a família me deu o caderno, e que a mão mudou. Se o livro termina assim, termina porque continuar seria substituir o resto por uma ideia mais apresentável. Eu já recusei ideias apresentáveis a vida inteira. Não vou aceitar uma só porque o autor não pode mais recusá-la.

Por isso paro. Não no meio, como ele. No fim do que me cabe. A rede fica na manhã dele. O prego fica torto. O nome não aparece. A família fica como a porta por onde o caderno passou, não como um elenco. E eu fico do lado de cá da frase, em Santos, em outubro de 2026, com a janela aberta e sem a palavra que faltava. Quem quiser essa palavra terá de inventá-la. Eu não invento.

NOTA DE ACERVO

Amadeu Lacerda Pessanha e Raul Pimentel de Queirós são personas literárias fictícias criadas com Grok. A areia devolve é uma obra produzida a partir dessas personas. O trecho do caderno pertence à voz de Amadeu e para incompleto. A continuação é de Raul. Elementos biográficos e narrativos pertencem ao universo literário da obra. Referências factuais, quando identificadas como tais, remetem ao mundo real.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.